

Outro Olhar

Por Marcelo Sampaio, sociólogo e professor de fotografia no Senac/Marília

Fotos tiradas na Aldeia Indígena Vanuíre, localizada no município de Arco-Íris, próximo a Tupã, interior de São Paulo. Ali, vivem cerca de 65 famílias, distribuídas entre várias etnias: Kaingang, Krenak, Kaiwá, Fulniô, Terena e Atikun. A aldeia foi fundada no começo do século passado, constituída inicialmente pelos Kaingang, naturais da região. A fundação deu-se no mesmo período em que se iniciou o desenvolvimento do capitalismo no oeste do Estado de São Paulo, alavancado pelo avanço da ferrovia e os acontecimentos daí decorrentes: criação de municípios e ocupação de terras para a cultura do café, fatos que geraram a diminuição drástica do contingente indígena, devido aos violentos confrontos com os "pioneiros" até meados da década de 40. A partir dessa data, começaram a chegar povos indígenas de outras localidades, que desenharam a atual configuração étnica da comunidade.

Da terra original, delimitada pelos rios do Peixe, Kaingang, Aguapehy e Iacri, a terra dos índios conta hoje com 292 alqueires, nos quais desenvolve-se o cultivo do milho, amendoim, arroz e feijão. As atividades dos moradores da aldeia são organizadas pela Associação Aikakren, criada em 2000. A aldeia também possui uma escola, um posto de saúde e uma igreja. Recebe o apoio da FUNAI desde a década de 70, e da FUNASA há dois anos. Além de promover encontros para a divulgação da cultura indígena, um dos objetivos principais da coletividade, segundo o cacique Gerson Cecílio Damasceno (Gundjun), é a luta pela ampliação do território da aldeia.



Alunos da escola situada na aldeia



Mãos que plantam, colhem e divulgam a cultura indígena



O cacique Gerson (Gundjun), líder da comunidade, na plantação de feijão da aldeia



João Batista de Oliveira (Burun Rin), trajando colar e cocar feitos por ele mesmo



Maria Aparecida Kaiuá Damasceno (Tcheruwaya), antiga moradora da aldeia



João Batista, tocando flauta feita para comercialização



Irineu Kotuí (Tchoprê), na escola da aldeia, relembra o morticínio indígena ocorrido até a década de 40



Pés que perseguem antigos e novos caminhos da vida indígena na aldeia Vanuíre



Edmar Adílson (Tchkruc), freqüentador da igreja situada na aldeia, preocupado com a divulgação da cultura indígena



Irineu vende seu artesanato nos encontros de divulgação indígena

Outro Olhar

Por Luís Paulo Neves, professor de Filosofia, diretor de Estudos do Seminário Provincial Sagrado Coração de Jesus, de Marília/SP. Amigo dos índios Xavante, da Aldeia Dom Bosco

Fotos tiradas na Aldeia Xavante Dom Bosco Owawe, localizada na região sudeste do Estado do Mato Grosso, próxima à cidade de Primavera do Leste. Foram feitas em janeiro/2001 e janeiro/2002, por ocasião de visitas a convite do cacique Domingos Mahoro'é'õ.

Os Xavante consideram-se um povo guerreiro e têm orgulho de si. Lutam por sua identidade, por sua terra e sobrevivência. Por isso, criaram a Associação Comunitária dos Índios Moradores da Aldeia Dom Bosco, para representá-los e defender seus direitos.

Seu cacique é uma pessoa dinâmica e criativa. Luta para tornar sua comunidade auto-sustentável. Lidera uma comunidade de cerca de 130 pessoas.



O cacique Domingo, com sua esposa e oito filhos (no colo, a neta), em frente à sua casa



O cacique Domingo, em frente ao rio Cristalino, uma das preciosidades da aldeia e local de diversão dos xavante



Casa xavante típica. A foto mostra a estrutura de madeira que será coberta com folhas de buruti



Zoila Penoriné, com um filhote de porco do mato, capturado numa caçada



O filho do cacique, Jesus Tsrenhihi, "brincando de índio" no rio Cristalino

**A comunidade mobiliza-se
para a caça, motivada por
rastros deixados por
porcos do mato**



**Calixto e família, em frente de sua casa. A esposa e a
filha confeccionam cestos xavante**



**Maria, a esposa do cacique,
começando a confeccionar cesto
xavante com a palha do buriti**



**Crianças xavante reunidas para o almoço
comunitário, no dia 1º de janeiro de 2001**



**Na aldeia, há uma escola de
ensino primário. Na foto, um dos
professores, o xavante Donato,
junto com seu filho**